

ziguezague

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutoranda em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP). Atua como pesquisadora, professora, jornalista e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004).

E-mail: kekei@comum.com

[DENISE BERNUZZI DE SANT'ANNA]

Professora livre-docente da PUC-SP e do Mestrado de Moda Arte e Cultura do Senac. É autora de vários livros, sendo o mais recente, *Cidade das águas – usos de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901)* pela editora Senac São Paulo.

E-mail: dbsat@uol.com.br

[14]

Cristiane Mesquita
convida
Denise Bernuzzi de Sant'Anna

No *release* do desfile de inverno/2002, o estilista Ronaldo Fraga propõe que a roupa se torne "Corpo Cru" e nos lembra o quão "invisível passa a ser a moeda de negociação do valor do corpo e da roupa"¹. Convidada pelo *zigzague*² a participar da mesa que comentou esse trabalho, a pesquisadora Denise Bernuzzi de Sant'Anna se aventurou para muito além do corpo ausente-presente, das estampas de carne e músculos e das tonalidades de pele e mamilos, colocando em questão algo que nos espanta: a "imperativa necessidade de saber o que é", diante de situações de estranhamento. Denise percorre as possibilidades de criação de enredos, presentes em alguns corpos, roupas, imagens e desfiles, assim evocando a potência da instauração de um tempo no qual "as coisas ainda não se acostumaram com seus nomes".

Além disso, Denise comenta que aquele desfile – no qual peças de roupas vestiam manequins de madeira, pendurados num mecanismo giratório de roldanas – mais parecia "um deslize de imagens". Vale um trocadilho, que remete justamente ao *deslize* completamente imprevisto, ocorrido no meio da apresentação, quando a engrenagem queimou e os cabides recomeçaram a desfilar pela passarela carregados pelas camarceiras e assistentes de camarim. Aqueles que enxergam no acaso possibilidades de abertura para intensidades e devir, poderão ampliar ainda mais a ressonância entre as imagens de Fraga e as reflexões de Sant'Anna. Ao ressaltar nosso vício na "gravidade que empurra os corpos para a terra e o pensamento para o compreensível", Denise nos convoca a pensar as possíveis forças advindas de um sobrevôo que paire sobre os enigmas, com a velocidade da disposição para um não saber.

Cruza do tempo

Corpos sem roupa ou quase desaparecidos em meio às roupas não são imagens novas no mundo da moda. Contudo, o desfile *Corpo Cru*, de Ronaldo Fraga, apresenta roupas sem corpos.³ Diante dos demais trabalhos de Fraga, alguns marcadamente relacionados à literatura brasileira, fica uma série de dúvidas sobre este, no qual as roupas deslizam sucessivamente, uma atrás da outra, acima do chão, despidas da vida humana. São acompanhadas por um fundo musical sugestivo das tradições circenses, dos antigos parques de diversão e das esquecidas caixinhas de música. Há inúmeras evocações: da platitude romântica de um baile ao cintilar de um açougue estranhíssimo – pois falta justamente a carne, embora ela esteja presente em forma de imagem – fica a impressão de que foi proclamada uma independência esquisita das roupas em relação aos corpos. Mas quem abandonou quem? Não se sabe. Os corpos ficaram saturados das roupas e dos códigos da moda ou foram as roupas que não suportaram mais as tiranias corporais da contemporaneidade? Seja qual for a resposta, há a indicação de uma cisão entre corpos e roupas.

Mas mesmo sem os corpos, as roupas desfilam. Mimeticamente, como autômatos. A passagem repetitiva das diferentes roupas diante do público confirma a dúvida sobre a intenção da obra. E, dessa maneira, o público tende a não saber o que sentir. Difícil aventar uma opinião a esse respeito.

Ora, talvez uma parte da estranheza vivida ao contemplar todo o desfile resulte do fato de que, fora das passarelas, tende-se a viver exatamente o contrário. No cotidiano banal há uma miríade de opiniões prontas sobre corpos e roupas. Além disso, vive-se uma imperativa necessidade de saber o que é sentido diante de qualquer imagem; por isso espera-se naturalmente uma opinião inteligente a seu respeito. De fato, na época contemporânea há a tendência em incitar a todos a saberem qual emoção é vivida em cada circunstância, como ela aflora e, sobretudo, de que maneira é possível majorá-la e passá-la para o discurso. Para isso existem inúmeras publicações e vários programas de televisão, todos voltados a definir sentimentos, a decifrar rapidamente estranhezas, a aplacar, enfim, as dúvidas. Em suma, a época atual é permeada por uma extrema valorização da expressão pública dos sentimentos, ao mesmo tempo em que ela é bastante afoita para decodificá-los e, várias vezes, apressa-se para convertê-los em mais-valia cognitiva.

No entanto, diante do *Corpo Cru*, a suposta capacidade de tudo decodificar fica um certo tempo em suspenso, tal como as roupas suspensas no desfile. Talvez seja difícil diante delas saber ao certo qual sentimento experimentar, porque mesmo sem corpos todas as roupas mostradas têm a potência de criar questões a respeito da vida. Neste desfile, portanto, os corpos não são respostas ou presenças naturais... sua ausência os transforma em pergunta. Além disso, o desfile não conta exatamente uma história. No entanto, ele não se limita a um vazio narrativo. E isto se deve talvez ao fato de um conjunto de enredos ser expresso ao longo do trabalho.



[16]

A diferença entre enredo e história indica, em certa medida, a natureza das experiências em que há sentimentos, mas não se encontram condições de desvendá-los. Assim, há no desfile uma potência de enredamento, mesmo que a história nele constituída não seja evidenciada, nem necessariamente apreciada ou desprezada. E mesmo se em alguns momentos chega-se a pensar que se trata de alguma fantasmagoria, numa atmosfera que junta placidez, colorido e estranheza, propícia para remeter os sentidos a um limiar entre a infância e a loucura, mesmo assim, e talvez por isso também, o desfile cumpre seu enredo. É como se um guarda-roupa tivesse sido aberto e as roupas, depois de sua gestação pelas máquinas de costura, dispensassem a vida humana, mas ao mesmo tempo não cessassem de lembrar a sua falta. Então, se por um lado essas roupas parecem despregadas do risco de toda e qualquer "topmodelização", levando a quem assiste ao desfile a um exercício interessante de imaginar como elas ficariam nos corpos, por outro, a presença dessas roupas escancaradamente descarnadas sugere o que acontece fora daquele momento e para além da moda. Pois, por mais esquisito que possa parecer, há muitos corpos fora das passarelas que parecem ainda mais descarnados do que essas roupas sem corpos, mais autômatos do que elas, totalmente desprovidos da capacidade de criar enredos.

A riqueza de enredos sugerida neste e em outros trabalhos de Fraga inclui o problema existente em seu oposto: sem enredo, o corpo e a roupa se descolam da vida, viram uma superfície sem dobras, rasa em enigmas. Sem enredo, não há história, as diferenças entre peso e leveza desaparecem, tudo parece sem gravidade. O enredo não é ainda uma história, mas sim a sua condição de possibilidade. Entre história e enredo as diferenças são grandes, embora um se pareça com o outro. A história é não apenas o que detém a atenção, mas efetivamente a apreende, levando-nos a fazer promessas e a traçar julgamentos. Sem ela não há organização social, possibilidade de futuro. Já o enredo é o que possibilita a passagem de um pensamento a outro, o que leva a construir uma história, pois o enredo funciona como um dos fios de sua meada. Se a história é a base para a construção do futuro, o enredo é um meio de indicar o devir. Por isso, diferente da história, o enredo é sempre múltiplo, coletivo, por isso, também, vários enredos podem armar uma história. Mas, ao fazê-lo, desarmam outras. A história pode ser acumulada enquanto os enredos são destituídos de uma origem ou de um fim grandioso, pois fulguram no meio do caminho e são capazes de contrair ou esticar o tempo, quebrando-o ao meio, uma, duas... milhares de vezes. A história é o *quadro* formado pelos enredos, e estes são suas *intensidades*. Por meio deles é possível roçar aquela dimensão crua do tempo, na qual as coisas ainda não se acostumaram com seus nomes.

O desfile de Ronaldo Fraga promove algumas dessas intensidades relacionadas às forças do peso e da leveza, da gravidade e da infância, dos enigmas da duração circular, em desfiladeiro, dos dilemas entre carne e corpo e, principalmente, da crueza daquele tempo

em que o entendimento do que é visto ainda não está completamente configurado. Como não existem propriamente os corpos, há mais um deslize de imagens do que um desfile previsível, exceto no final, quando pessoas aparecem atrás de imagens fragmentadas de roupas e corpos. Mas, mesmo assim, é bom lembrar, elas se protegem do desfile. Há qualquer coisa de inocente e de inatural no gesto de se proteger do desfile, durante um desfile.

Quando uma coleção, um desfile, uma moda dão lugar a essas armações intensivas, pode-se dizer que foi anunciado um enredamento anterior à apresentação de uma história. É bom lembrar ainda que uma história pode ou não fulgurar enredos. Ela pode ou não substituir e se confundir com os enredos que a tornaram possível. Mas estes não estacionam para sempre em seus limites. Porque os enredos assemelham-se aos sentidos da vida, eles não são capturados, nem aprisionados feito as histórias; os enredos passam, como pássaros, levantando uma brisa no curso dos nossos afetos.

Enredos que fulguram na junção entre o corpo e o mundo podem ser expressos por meio das roupas. Todos sabem que a roupa não é apenas ela, assim como o corpo não é somente uma junção entre carne e espírito. A roupa e o corpo são relações, e não unicamente substâncias, pois eles funcionam e não apenas "são". Podem ser considerados um feixe de enredos relativamente abertos, cujo convívio resulta na formação de histórias, demarcações identitárias, normas, zonas de liberdade, coerções, etc.

Por todo esse conjunto disperso de evocações, mencionadas até aqui, é possível ver nesse desfile não apenas a ausência do corpo – o que já seria bastante –, mas também uma perturbadora semelhança entre esta ausência e outras, nas quais o corpo está lá, visualmente presente, mas sua vitalidade repousa alhures. E também o contrário: situações em que os corpos estão ausentes e, no entanto, suas memórias são sugeridas, suas fragilidades e forças são mencionadas.

É possível que a moda atual (tanto quanto a arte) expresse as condições de possibilidade de uma história e, assim, desenhe no ar o ato mesmo do desenho que antecede a sua forma acabada. No caso do desfile *Corpo Cru*, a crueza é do corpo porque este também expõe o tempo em sua crueza fresca e cruel. Pois a dimensão crua do tempo expressa o fundo aterrador e ao mesmo tempo absolutamente inexorável da duração de uma vida, de um corpo ou de um desfile, todos presentes em meio à fugacidade da finitude.

Por conseguinte, ao ver as roupas assim dependuradas, quase sem volume ou peso, o que funcionou não foi apenas a ausência dos corpos ou a presença das roupas. Também não foi unicamente a leveza ou a gravidade que empurra os corpos para a terra. O desfile delineou um estranho mundo de roupas que deslizam suspensas da possibilidade de flutuar livremente ou de aterrissar. Um mundo em desfile no qual algo fica nu e não é o corpo. Algo fica cru e não é a carne. O desfile enguiça num certo momento, deixando à vista de todos o seu desarranjo; mas isto só faz ressaltar ainda mais a estranheza provocada. Quase tudo se mostra e entra em cena, mas mesmo assim o entendimento não é claro.

Justamente por desfiliarem sem corpos, as roupas esculpem o tempo finito de cada vida, cuja identidade permanece vaga. Elas desfilam a exatidão de uma memória, cujo significado não é exposto. O tempo cru talvez tenha este gosto, estranho ao nosso paladar.

NOTAS

[1] Disponível em: <<http://www.ronaldofraga.com.br>> Acesso em: 14 abr 2008.

[2] A conversa sobre o desfile *Corpo Cru* (inverno/2002) de Ronaldo Fraga, teve participação de Denise Bernuzzi de Sant'Anna e Kathia Castilho, e mediação de Carla Mendonça. Integrou a mostra *Desfiles Incríveis*, em 25/1/2007, no Auditório do Museu de Arte Moderna (MAM), dentro da programação da 1ª edição do evento zigzague (realização MAM e Senac São Paulo).

[3] Se não fosse o incidente da engrenagem enguiçar no meio do desfile, não seria possível ver, no fim do trabalho, pessoas carregando roupas, bolsas e calçados.